



Eduardo Garrafa

Mande notícias do Egito

Ilustrações: Joel Lobo

Conforme a nova ortografia



 **Atual**
Editora



Série Entre Linhas

Gerente editorial • Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira
Editora-assistente • Solange Mingorance
Auxiliares de serviços editoriais • Flávia Zambon e Amanda Lassak
Coordenação e produção editorial • Todotipo Editorial
Assistente editorial • Isadora Prospero
Revisão de texto • Bárbara Prince e Leonardo Ortiz
Preparação de texto • Cláudia Cantarin
Projeto gráfico (miolo e capa) • Homem de Melo & Troia Design
Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Fabiana Camargo Pellegrini
Diagramação • Daniela Rocha
Produtor gráfico • Rogério Strelciuc

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Garrafa, Eduardo
Mande notícias do Egito / Eduardo Garrafa ;
ilustrações Joel Lobo. — 1. ed. — São Paulo : Atual, 2012.
— (Entre Linhas: Sociedade)

ISBN 978-85-357-1519-4
ISBN 978-85-357-1521-7 (professor)

1. Ficção — Literatura juvenil I. Lobo, Joel. II.
Título. III. Série.

12-06977

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Copyright © Eduardo Garrafa, 2012.

SARAIVA S.A. Livreiros Editores
Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros
05413-010 – São Paulo – SP
Todos os direitos reservados.

1ª edição / 3ª tiragem
2014

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

819561.001.003

Sumário

1. Muito distante 7

2. Questão de sorte 13

3. Frio na espinha 19

4. Um telefonema inesperado 24

5. Cobiça 30

6. Aventura e medo 35

7. Um presente do Brasil 41

8. O louco 44

9. Condicional 48

10. Um estranho em casa 53

11. Conforto 57

12. Acolhimento 66

13. A estrela do pedaço 71

14. Inevitável 81

15. Receita infalível 88

16. Denúncia 93

17. Desconfiado 101

18. O sorriso do embaixador 106

19. A despeito das realidades diferentes 113

20. Um homem exemplar 117

21. O sorriso de Hisham 128

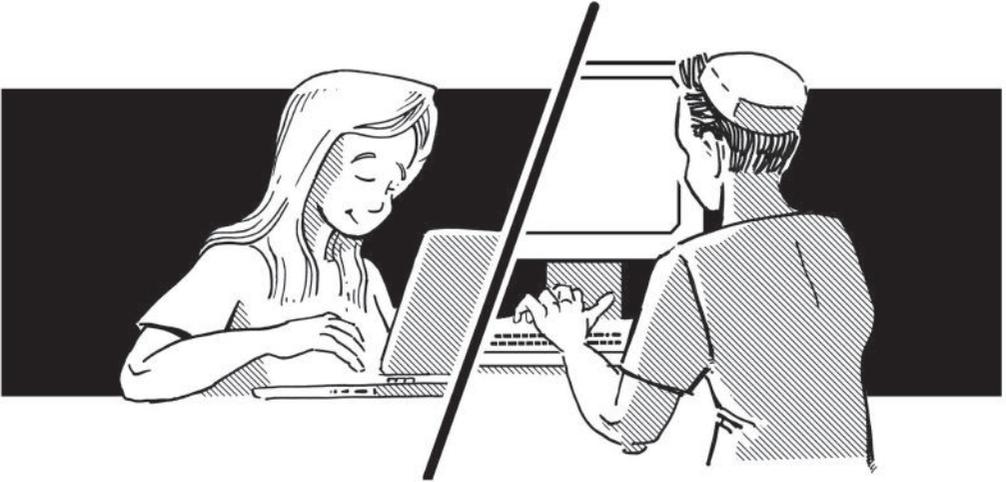
22. Mande notícias do Egito 131

O autor 137

Entrevista 139

Para Júlia (uma vez mais);
para Mari, pela dedicação e paciência;
para Marcos Henrique (*in memoriam*), com muita saudade.
Agradecimentos à “tia” Teresa pela assessoria culinária.

Muito distante



Aflita, Milena lamentou o trânsito carregado. Sabia que, a poucos dias do Natal, o tráfego em São Paulo estaria complicado aonde quer que fossem. Não imaginou, porém, que tivesse de enfrentar tamanho caos.

– Mas o que está acontecendo aí atrás?

Milena ignorou sua mãe. Sabia que, no fundo, não tinha motivos para estar tão nervosa. Já estava em férias, havia passado de ano com notas razoáveis. Estava livre para ficar em casa sem fazer nada, ou melhor, fazendo a única coisa que lhe interessava: passar horas no computador.

Olhou novamente para o relógio e bufou, seu inseparável tique nervoso.

– Não dá pra imaginar por que ela está tão ansiosa, mãe?

Milena ignorou a alfinetada da irmã. Passava das cinco da tarde, eram mais de nove da noite no Cairo. Embora seu melhor amigo virtual tivesse treze anos como ela, nem sempre tinha permissão para ficar acordado até mais tarde. Ao contrário dela, que nas férias podia ir para a cama à hora que bem entendesse.

Milena finalmente deu um suspiro aliviado quando a mãe saiu da grande avenida congestionada e adentrou o bairro do Campo Belo. Mal Carolina havia estacionado na garagem do prédio onde moravam, Milena correu para chamar o elevador, ignorando a bronca da irmã.

– Deixe a menina em paz, Mariana! Você sabe que ela tem hora pra falar com aquele amigo do Egito.

– Mas ela não pode ficar um dia sem falar com esse menino? Além disso, vocês têm ideia de quem ele seja?

– Nenhuma! – Carolina respondeu acionando a trava eletrônica do carro. – Tudo o que sei é que ele tem a mesma idade que ela!

– Isso é o que ele diz! Vai saber se não é um pedófilo que está aqui mesmo em São Paulo, tramando pra aprontar com ela!

Carolina não respondeu, ponderando que sua filha mais velha poderia ter razão. Mas arriscou um comentário:

– Você também tem amigos virtuais. E mesmo assim...

– Mas eu tenho dezessete anos!

– E nenhum deles pode ser um pedófilo ou um criminoso?

– Não sou mais criança e sei me defender, é diferente!

– Será que sabe mesmo? – Carolina a desafiou.

Mariana preferiu não dizer mais nada nem se incomodar com o sorriso provocativo da mãe.

Milena entrou correndo em seu quarto, e, enquanto seu computador se inicializava, trocou de roupa. Mais confortável, acessou a internet. Uma mensagem em inglês já a esperava no programa de bate-papo.

“Hisham deixou uma mensagem: Onde está você, Milena? Bastou entrar em férias para fugir? Será que não vai mais querer saber de mim, só daquele seu namorado que você insiste em dizer que não é bem um namorado?”

Percebendo que ele estava conectado, Milena respondeu, também em inglês: “Já disse mil vezes, o Leonardo não é meu namorado! E, graças a Deus, ele está viajando, só volta amanhã!”

“Se não é seu namorado”, Hisham teclou rebatendo, “por que então você dá graças a Deus, como você costuma dizer, ao se ver livre dele?”

Milena caiu na risada e desconversou. Pediu desculpas pela demora e explicou que o trânsito estava terrível. Ele comentou que o

trânsito no Cairo era muito ruim também. Passaram mais de uma hora e meia teclando, conversando sobre trivialidades, como sempre faziam. Perguntaram sobre os familiares, sobre os poucos problemas que tiveram de resolver desde o dia anterior e, como sempre, aproveitavam para comparar seus costumes tão diferentes. Muito tempo depois, Hisham mudou de assunto:

“Hoje fui eu quem fez o jantar de novo.”

“E ninguém morreu envenenado?”, Milena zombou.

“Quando é que você vai acreditar em mim? É sério, eu cozinho muito bem!”

Milena pretendia continuar a provocação, mas naquele momento sua mãe a chamou para ajudá-la com a janta. Hisham disse que também teria que sair, pois Khaled, seu irmão mais velho, precisava usar o computador. Ela caçou perguntando por que uma família tão rica não tinha um computador para cada filho, ou pelo menos mais um. Hisham respondeu que, embora eles tivessem condições de ter mais computadores, seria um luxo desnecessário. Antes de se despedir, ele ainda pediu:

“Podemos nos falar amanhã, 7 PM hora Cairo? Ficarei vários dias sem poder fazer contato com você. Sei que você prefere teclar, mas gostaria muito de ouvir sua voz.”

Surpresa com a notícia, Milena disse que às três horas da tarde do dia seguinte, hora de Brasília, estaria no computador para falar com ele. E foi ajudar a mãe.

No horário combinado da tarde seguinte, Milena vibrou de alegria ao ouvir a voz de Hisham pelo fone de ouvido.

- Oi, Milena! Como é bom ouvir sua voz de novo!
- Oi, Hisham! Seu sotaque continua uma gracinha.
- Cinco meses, Milena!
- Pois é, faz cinco meses que nos conhecemos.
- E seu inglês está cada vez melhor!

Milena sorriu, consciente de que o inglês de seu amigo era irrepreensível, melhor mesmo que o inglês de seu pai, que falava fluentemente. Ao contrário do dela, cheio de erros e aportuguesamentos que, por vezes, deveriam soar incompreensíveis para seu amigo egípcio.

– Você tem sido um excelente professor! – ela agradeceu.

– E você tem sido uma amiga muito boa! – ele retribuiu.

Depois de conversarem praticamente os mesmos assuntos da tarde anterior, Hisham disse que estava chateado.

– Não consigo imaginar você chateado, você é sempre tão alegre! Ontem você disse que ficaria vários dias sem fazer contato. É por causa da viagem de seus pais?

– Exatamente. Os três partem amanhã.

– Me explica uma coisa. Por que só o Khaled vai? E você, o Anwar e suas irmãs?

– Não, de jeito nenhum! Taimaa e Zuraia são muito pequenas para fazer uma viagem dessas. Eu e Anwar vamos ficar para tomar conta delas. Quando Khaled se casar, meus pais vão nos levar para viajar. Tudo a seu tempo, como o Alcorão nos ensina. Não é com a viagem deles que estou chateado.

– Você ainda não me disse para onde eles vão.

– Para a Indonésia.

– Uau, Indonésia? – ela se maravilhou.

– Meu pai já esteve lá mais de uma vez. Diz que é um país fantástico, cheio de lugares interessantes para visitar. Estou feliz por eles, mas chateado porque, enquanto estiverem fora, Anwar, minhas irmãs e eu teremos que ficar com minha tia Bahira, irmã de minha mãe.

– Mas isso é um problema? Aqui no Brasil também fazemos isso. Quando éramos mais novas e meus pais tinham algum compromisso, eu e minha irmã ficávamos com meu tio, irmão do meu pai. E era sempre divertido.

– A questão é outra. Você sempre me provoca dizendo que temos costumes rígidos, mas minha tia exagera. Você sabe que meus pais são bastante religiosos, sempre nos ensinaram os valores do islamismo e a importância de se preservar os costumes. Na maioria das vezes é por isso que meu pai escolhe um país muçulmano para visitar. A diferença é que meus pais são religiosos normais, mas minha tia Bahira é mais ou menos o que vocês aí chamam de extremista. Uma fanática. Fanática e muito repressora! É muito difícil conviver com ela.

Milena sorriu. Algumas vezes Hisham ficava irritado com a forma com que ela o provocava perguntando por que os muçulmanos eram

tão diferentes dos seguidores de outras religiões. Ele garantia que o mundo ocidental não conhecia bem o islamismo e tinha uma imagem distorcida de sua religião, e explicava que no Egito os hábitos não eram tão rígidos quanto em outros países árabes. Milena compreendeu de imediato o aborrecimento do amigo com a tia fanática.

– Eu preferiria ficar com outros tios – Hisham prosseguiu –, mas minha mãe faz questão de que uma ou duas vezes por ano fiquemos na casa dessa tia. Só que eu a detesto.

– Uau! Você nunca disse que detestava alguém.

– Se você conhecesse essa minha tia, compreenderia. Ela vive de uma forma muito diferente da nossa! Sempre se intromete em nossas vidas, implica com meu pai, não concorda que estudemos numa escola britânica, não se conforma por usarmos computadores. Ela acha que os computadores nos contaminam com os pecados do mundo ocidental. É uma tortura quando temos que ficar com ela!

Depois de suspirar, ele acrescentou:

– Minha mãe acha que ela é uma boa influência para nós, e que conviver com ela seria um jeito de compensar nossa educação na escola britânica.

– Como é que é? Mas que bobagem é essa?

– É uma longa história, Milena. Já contei que o Egito foi dominado pelos ingleses por muito tempo, e que depois da independência, em 1952, restaram marcas e ressentimentos. Minha tia é uma dessas pessoas que abominam o Ocidente e os ingleses, que, segundo ela, exploraram nosso povo. Mas algumas pessoas, como o meu pai, reconhecem que eles também fizeram coisas boas. Ele acha que nos orgulharmos de nossa independência não deveria nos impedir de reconhecer as influências positivas que foram deixadas.

– E onde sua mãe entra na história?

– Ela diz que concordou que estudássemos na escola britânica, desde que ficássemos com tia Bahira algumas vezes por ano.

Milena riu consigo mesma balançando a cabeça, achando ridícula aquela chantagem enrustida.

– Na casa da tia Bahira, tudo o que podemos fazer é comer, ler e rezar. Ela mal permite que brinquemos com nossas irmãs. Até isso ela controla, você acredita?

Milena ficou chocada. Era difícil acreditar que, no século XXI, alguém pudesse viver daquela forma.

– Se ela souber que converso com uma garota cristã pela internet, vai ter um ataque do coração!

– Quanto tempo seus pais vão ficar na Indonésia?

– Quase três semanas.

– Três semanas passam muito rápido – ela minimizou.

– Será uma eternidade para mim! – ele discordou. – Três semanas sem poder ligar um computador, mal vendo televisão!

– Eu também vou viajar, Hisham – ela tentou animá-lo. – A gente vai passar o final de ano na praia.

– É, mas você vai para a casa de sua tia no Rio de Janeiro. – Ele mudou seu tom de voz, agora provocativo. – Vai passar as férias com aquelas primas de quem falou outro dia, não é?

– Não, vou primeiro para Ubatuba, uma cidade que fica a quase trezentos quilômetros de São Paulo, passar alguns dias com meu tio, irmão mais novo do meu pai, de quem falei agora há pouco. Minhas primas do Rio são filhas da irmã da minha mãe, aquela tia que eu adoro. Eu mando fotos quando voltar, há praias muito bonitas lá. Só vou para o Rio na primeira semana de janeiro.

Eles ainda conversaram por muito tempo, aproveitando que estavam falando via internet. Hisham então disse que precisava desligar, porque fazia uma hora que Anwar estava reclamando, querendo usar o computador.

– Obrigado por falar comigo, Milena. Fiquei muito feliz.

– Também fiquei feliz. Você tem razão, cara, a gente precisa se falar mais vezes, é bem melhor que teclar. E olha só: você é o cara mais legal que eu já conheci!

– Uau, Milena! Nunca uma garota disse isso para mim. Hoje não vou conseguir dormir!

– Vai nessa, Hisham! Feliz Ano-Novo, já que você não vai gostar que eu deseje Feliz Natal.

– Feliz Natal para você também, sua boba! – ele riu.

Hisham desligou. E Milena sorriu, pensando com carinho nele. Apreciando aquele sentimento de amizade pura e sincera.

Questão de sorte

Enquanto tentava pegar no sono naquela noite, Milena pensava em sua curta vida. Em seu alívio por estar em férias. Na relação sempre difícil com seus pais e a irmã. Em Hisham. Em suas poucas amigas. Em Leonardo. Em sua vontade de terminar, como ela mesma definia, um namoro que não era namoro. Nos pais de Hisham viajando para a Indonésia. No Natal dali a poucos dias. Na viagem para Ubatuba e para o Rio de Janeiro. Na tia fanática de Hisham. No final de tarde tão sem graça e sem assuntos interessantes que havia passado com Leonardo depois de ter falado com Hisham. No sotaque graciosamente britânico de Hisham. Em Leonardo, que vinha sendo uma decepção. Em Hisham. Em Leonardo. Em Hisham.

Milena riu, perguntando para si mesma como, após quase seis meses de namoro, ainda não havia rompido. Nem sequer entendia como havia aceitado ficar com aquele garoto bonito, mas completamente vazio, um mês antes de conhecer Hisham. Nem mesmo por que desde então, por medo, conveniência e comodismo, não conseguia criar coragem.

“Do que será que eu preciso pra tomar vergonha na cara?”

Afastando Leonardo da cabeça, Milena se lembrou de Rafael, seu pai. De como o admirava, apesar da dificuldade de se dar bem com ele. De como ficava fascinada com sua inteligência e sua boa conversa quando levava a família para jantar com um de seus convidados estrangeiros. De como ela sonhava em, um dia, quem sabe, falar inglês tão bem quanto ele. Foi inevitável se lembrar da conversa inesquecível que teve com ele quase três anos antes, uma conversa que mudaria sua vida.

Tinha então onze anos incompletos quando fez um pedido despretensioso, enquanto voltavam de um almoço:

– Pai, você me põe numa escola de inglês?

– Quando você se tornar uma boa aluna na escola - a mãe fez pouco-caso -, conversaremos a respeito.

Rafael, um sujeito que havia sofrido bastante na vida, mas que não tinha um coração frio, entendeu o recado. Ele já havia percebido a vontade de Milena de participar das conversas com seus convidados. E, a despeito de não viver uma situação financeira folgada, resolveu incentivá-la.

– Sei que é importante para você, filha, tudo bem. Eu a coloco numa escola de inglês. Mas você precisa levar a sério.

Milena garantiu para si mesma que falaria inglês, custasse o que custasse. E provou aos pais que não estava brincando. Após dois anos de muita dedicação, falava inglês bem melhor que a média dos adolescentes da mesma idade e se fazia entender pelos convidados de Rafael. Na escola, nenhuma nota de inglês era menor que nove, o que enchia o pai de orgulho.

Ainda tentando pegar no sono, e envaidecida pela lembrança gostosa, Milena recordou uma conversa que tivera com suas amigas nas férias de julho do ano anterior.

– Vocês têm amigos virtuais em outros países? – ela se interessou. E, diante da resposta positiva, perguntou: – Mas como vocês conversam?

– Em inglês, ora essa!

Foi um choque para Milena. Ela, que sabia falar, ouvir, escrever e ler em inglês muito melhor que qualquer uma delas, estava marcando passo. Para falar melhor, aquela era a dica preciosa com a qual vinha sonhando por tanto tempo.

Milena nem se lembrava por que se interessou justamente por um garoto egípcio de nome tão esquisito, apesar de ter localizado vários garotos e garotas em diversos países. Talvez tivesse sido por seu inglês perfeito, sem erros de grafia. Sem nenhuma cerimônia, na terceira vez que se comunicaram, ele fez um pedido ousado.

“Você encontrou a pessoa certa, Milena”, ele teclou. “Eu estudo na escola britânica aqui do Cairo, e posso te ajudar. Mas quero um favor em troca.”

“Como assim?”, ela ficou gelada.